



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO
DE PSICOLOGIA CURSO DE PSICOLOGIA**

ISABELLE BATISTA FREIRE RIBEIRO PINTO

**O ESTADO DE GRAÇA EM CLARICE LISPECTOR:
UMA EXPERIÊNCIA DO VIVER CRIATIVO**

Rio de Janeiro

2025.2

ISABELLE BATISTA FREIRE RIBEIRO PINTO

**O ESTADO DE GRAÇA EM CLARICE LISPECTOR:
UMA EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO POTENCIAL DE WINNICOTT**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em psicologia.

Guilherme Gutman

Rio de Janeiro

2025.2

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Renato que acreditou incondicionalmente no meu potencial como estudante, profissional e como pessoa, tornando essa formação tanto possível quanto prazerosa. Também aos meus avós, Vô Nau e Vó Carminha, que sempre estendem tapetes vermelhos à todos os meus sonhos.

Agradeço à minha mãe Caroline e meu padrasto Mario por terem acompanhado minha trajetória. Do primeiro estágio até a última página deste documento, vocês fizeram tudo ganhar o tom de grande vitória. Às minhas avós, Vovó Estela e Vovó Inha, por terem me ensinado que a vida sempre vence.

À minha terapeuta, Saffira, por ter me acompanhado desde o ensino médio, me incentivando a dar voz e ouvidos aos meus desejos e aos alcances da minha humanidade. E à minha antiga analista, Márcia Ribeiro, por tanto acolhimento e compreensão vindos de uma voz tão doce e sábia.

Aos professores da graduação, em especial à Professora Mariângela Monteiro, por ter visto poesia no cuidado, na confiança e no amor às crianças, à psicologia e aos bons encontros da vida. À Rebeca Machado, pela aposta nas sutilezas de quem eu sou. Ao Professor Guilherme Gutman por ter ensinado sobre literatura e psicanálise com a sutileza e dom necessários. Também ao Professor Marcus André, por, mesmo sem saber, ter me aberto às portas à psicanálise.

Aos meus colegas de graduação. Daniela Barbosa, parceira em duzentos dias letivos de estágio, mas mais que isso: um modelo de profissional e pessoa. Luana Bueno, minha irmã de alma, me ensina diariamente sobre autenticidade e lealdade ao nosso modo de existir e resistir. Amanda Moura, inspiração na psicologia e na vida, que todos os dias me surpreende com sua capacidade de empatia, cuidado e delicadeza.

À Luísa Guedes, Beatriz Costa, Ana Ganem, Julia Milagres, Julia Queiroz, Isadora Nery e Mateus Baião, pela companhia sincera de simplesmente vocês mesmos

em minha presença. À minha parceira Valentina que me mostra como brilhar os olhos para a vida e seus assuntos mundanos. Encontrar com você soa melhor do que qualquer poesia que eu poderia ter feito.

Por fim, agradeço aos meus pacientes da Villa Ipanema e do SPA, mas principalmente às “minhas crianças” que cruzaram meu caminho durante a graduação. Aprendi com vocês o que os livros não contemplam: reconhecer o lar nos abraços, nas risadas e nas coincidências da vida. Vocês têm um lugar precioso e intocável no meu coração.

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de “estado de graça” na obra de Clarice Lispector à luz da teoria psicanalítica de Donald Winnicott. Por meio de revisão bibliográfica, analisa-se como o estado de graça, descrito por Clarice em seus escritos ficcionais e não ficcionais, pode ser compreendido como uma experiência possível na zona intermediária proposta por Winnicott — o espaço potencial em que o viver criativo se realiza. Conclui-se que a literatura clariceana expressa, de forma singular, o amadurecimento emocional e a integração entre realidade interna e externa, configurando o estado de graça como uma forma de continuidade do ser. Portanto, a pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, permitiu identificar convergências entre a escrita clariceana e os conceitos winniciotianos de criatividade e amadurecimento, demonstrando que o estado de graça expressa uma forma simbólica de continuidade do ser.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Estado de graça; Donald Winnicott; Espaço potencial; Viver criativo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1. OBJETIVO.....	8
1.2. JUSTIFICATIVA.....	9
1.3. METODOLOGIA.....	9
2. VIDA E OBRA DE CLARICE LISPECTOR.....	10
2.1. CLARICE NAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS.....	10
2.2. A ESCRITORA, CLARICE LISPECTOR.....	19
3. A FALHA, A CONFIANÇA E A NOÇÃO EU NÃO-EU.....	25
4. A ZONA INTERMEDIÁRIA EM QUE VIVEMOS.....	32
5. CONCLUSÃO.....	35
6. REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

Entre literatura e psicanálise, surge a possibilidade de compreender a criação como experiência de vida. Essa reflexão, central tanto em Clarice Lispector quanto em Donald Winnicott, orienta o presente estudo sobre o “estado de graça” como experiência existencial e criadora.

Toda obra que se sustenta no tempo nasce de uma urgência de não apenas comunicar, mas de existir. Clarice Lispector, em sua escrita, transformou essa urgência em linguagem: uma escrita que respira, hesita e procura, como se o ato de dizer fosse também o de descobrir-se. O gesto clariceano não se limita à literatura, pois alcança a dimensão do ser e a tentativa de nomear o indizível que habita o cotidiano e dá à vida uma espessura simbólica.

Entre o fazer artístico e o gesto vital, há um espaço de criação que não é apenas estético, mas humano. É nesse território intermediário — onde a experiência se forma antes de se tornar palavra — que Clarice parece situar o que chama de *estado de graça*. A expressão, recorrente em suas entrevistas e crônicas, descreve um instante de plenitude e suspensão, em que o sujeito se encontra inteiro diante da realidade, sem o peso de precisar compreendê-la. O estado de graça é menos uma inspiração e mais um modo de presença: um intervalo em que o viver se torna possível, mesmo na sua precariedade.

No viés desenvolvido majoritariamente por Donald Winnicott, essa experiência encontra uma correspondência conceitual no que o autor denomina *espaço potencial* — a área intermediária de experiência em que a realidade interna e o mundo externo se comunicam, permitindo ao sujeito criar, brincar e viver de modo autêntico. É nesse espaço que se origina o que Winnicott chama de *viver criativo*: uma forma de existência em que a espontaneidade e a integração são marcas do desenvolvimento emocional primitivo.

A aproximação entre Clarice e Winnicott, proposta neste trabalho, não pretende reduzir a literatura à teoria psicanalítica, mas fazer ressoar entre elas um campo comum de experiência. Em ambos, o humano se revela como processo, não como um fim em si mesmo. Assim, pode-se considerar que o ser humano se faz entre a ausência e o encontro, o silêncio e a palavra. Se Winnicott investiga o amadurecimento e a continuidade de ser, Clarice, por meio da ficção e da reflexão, encena essa travessia com a delicadeza de quem tateia o invisível.

Dessa perspectiva, o *estado de graça* pode ser compreendido como uma possibilidade de existir que surge apenas quando há maturidade suficiente para suportar a oscilação entre o dentro e o fora, entre o eu e o mundo. Tal como o espaço potencial winniciotano, a graça não é fixa, mas uma zona viva, que se renova e reatualiza. O amadurecimento emocional, entendido também como a capacidade de viver criativamente, é a condição que torna o estado de graça uma experiência possível psíquica e simbolicamente.

Assim, esta monografia busca examinar como o conceito clariceano de *estado de graça* dialoga com os fundamentos teóricos de Winnicott, em especial com os textos *O brincar e a realidade* (1971), Da pediatria à psicanálise (1958) e *O ambiente e os processos de maturação* (1965). O objetivo é evidenciar que ambos partem do vislumbre da possibilidade de o sujeito habitar a própria vida em um ato criador uma forma de saúde e liberdade.

Para tal, o trabalho se desenvolve em quatro momentos: o primeiro apresenta uma breve trajetória de Clarice Lispector e o surgimento do conceito de estado de graça em sua escrita; o segundo discute os principais aspectos da teoria de Winnicott sobre o amadurecimento e o viver criativo; o terceiro propõe a articulação entre essas duas perspectivas, delineando o estado de graça como experiência possível na zona intermediária; e, por fim, a conclusão retoma o percurso teórico para afirmar que viver criativamente é, talvez, a mais profunda tradução da graça de existir.

1.1. OBJETIVO

Relacionar o conceito literário de “estado de graça”, presente na obra de Clarice Lispector, com os fundamentos psicanalíticos de Donald Winnicott, especialmente os de espaço potencial e amadurecimento emocional, de modo a propor que o estado de graça constitui uma experiência possível no viver criativo e na zona intermediária entre o eu e a realidade externa.

1.2. JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica pela relevância de promover o diálogo entre literatura e psicanálise, evidenciando a contribuição da obra de Clarice Lispector para a compreensão de fenômenos subjetivos descritos por Winnicott. Ao abordar o “estado de graça” como experiência simbólica do viver criativo, o estudo contribui para ampliar a leitura da literatura clariceana, inserindo-a em um campo de interlocução teórico-clínico que enriquece tanto a teoria psicanalítica quanto os estudos literários.

1.3. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e caráter bibliográfico, estruturada a partir da leitura e análise interpretativa de obras literárias e teóricas. O estudo foi conduzido com base em um levantamento de textos de Clarice Lispector e de Donald Winnicott, buscando articular o conceito clariceano de estado de graça com a noção winnicottiana de espaço potencial e viver criativo.

No que se refere a Clarice Lispector, foram examinadas tanto as obras de ficção quanto seus textos autobiográficos e epistolares, destacando-se *A descoberta do mundo* (1999) e *Todas as cartas* (2020), além da biografia *Clarice: uma vida que se conta* (2009), de Nádia Battella Gotlib. Esses textos permitiram compreender o modo como a autora formula, no plano literário e pessoal, o conceito de estado de graça como experiência de integração e presença.

Em diálogo com essas leituras, foram mobilizados textos fundamentais de Donald Winnicott, entre eles *O brincar e a realidade* (1971), *Da pediatria à psicanálise* (1958) e *O ambiente e os processos de maturação* (1965). A partir dessas obras, foi possível delinear os conceitos de espaço potencial, objeto transicional, não

integração e viver criativo, que constituem o alicerce teórico da análise.

A metodologia consistiu, portanto, em um exercício de leitura interpretativa e comparativa, sustentada por uma abordagem interdisciplinar que aproxima literatura e psicanálise. Essa leitura não se propõe a aplicar a teoria psicanalítica à literatura, mas a fazer dialogar dois discursos que, cada um a seu modo, investigam a experiência humana.

Por fim, o processo analítico foi guiado pela identificação de convergências entre o estado de graça clariceano e o espaço potencial winnicottiano, observando como ambos descrevem a possibilidade de um viver criativo que integra, de forma amadurecida, a realidade interna e externa.

2. VIDA E OBRA DE CLARICE LISPECTOR

2.1. CLARICE NAS HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

De acordo com biografias e documentos reunidos por Nádia Gotlib, foi em Chechelnyk, uma pequena aldeia na Ucrânia que nasceu Chaya (Clarice) Pinkhasovna Lispector, filha caçula de Mania (Marieta) e Pinchas (Pedro), irmã de Tânia e Léa (Elisa). Como conta Boris Asrilhant, neto de Chona (Anita) que, por sua vez, era tia de Clarice Lispector, Chechelnyk era “um lugar esquecido no mapa, repleto de judeus assustados, perseguidos, pobres e sem esperança. Para os judeus, um inferno na terra”. (GOTLIB, 2024)

Dentre diversas versões da história em termos de datas e localidades, o fato era de que frente à perseguição e desesperança nas cidades de origem, viagens ao Brasil eram uma alternativa comum entre os judeus da época, incluindo os Lispector. Com destino à Maceió, Clarice viajou recém-nascida e desembarcou em terras brasileiras com sua família com poucos meses de vida. Cerca de 4 anos depois, se mudaram para Recife, onde residem até 1935.

Em Recife, o pai de Clarice trabalhava no comércio, as três irmãs frequentavam a escola, enquanto Marieta esteve adoentada até sua morte, em 1930. Elisa e Tânia eram responsáveis pelos seus cuidados domésticos e com a mãe. Em *Clarice na memória de outros* (2001), Nélida Piñon, amiga e confidente de Clarice,

conta que uma das suas grandes angústias de sua colega era sempre ter pensado que o seu nascimento teria provocado a doença ou a invalidez da mãe. Esse assunto foi de grande tormento na vida de Clarice, mesmo tendo descoberto, anos depois, que não havia relação alguma entre o seu nascimento e a enfermidade de Marieta.

Em outra ocasião, Clarice escreve sobre sua mãe na coluna intitulada *Pertencer*, publicada no *Jornal do Brasil*¹ em 15 de junho de 1968:

[...]fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada, com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje esta carga de culpa, fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram por eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdoo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. [...] (LISPECTOR, 2019, p. 138)

Mesmo com tanta culpa, a caçula era muito alegre, linda e tinha um enorme senso de humor (GOTLIB, 2009). Anos depois, Clarice interpreta sua alegria como maneira de responder ao ambiente em que vivia, rodeada de dor e tristeza. Contudo, além disso, a escrita apareceu como uma nova alternativa de sobreviver emocionalmente, navegando entre sua realidade de vida e sua ficção possível:

Aos sete anos, antes de ler e escrever, eu já fabulava. Inclusive eu inventei com uma amiga minha meio passiva um modo de contar histórias que não acaba mais. Nunca. Era o meu ideal: que uma história nunca acabasse. Eu contava uma história e quando ficava impossível de continuar, ela começava. Ela então continuava, e quando chegava em um ponto impossível, por exemplo, todos os personagens mortos, eu pegava. E dizia: “Não estavam bem mortos”. E continuava (GOTLIB, 1995, p 84)

Quando aprendeu a escrever, Clarice passou a fazer pequenos contos que, com

¹ Clarice Lispector colaborava com o Jornal do Brasil escrevendo uma coluna semanal aos sábados, no caderno “B”, a convite do editor Alberto Dines. As crônicas abordavam o cotidiano, a vida doméstica, o trabalho e reflexões existenciais. Esse não era um trabalho, a princípio, almejado pela autora. Contudo, era necessário em termos financeiros. Em dezembro de 1973, Clarice foi desligada do jornal (GOTLIB, 2009, p. 333–344).

ajuda de Tânia, envia ao *Diário de Pernambuco* que publicava, às quintas-feiras, uma seção infantil intitulada *O diário das crianças*. Dos passeios às idas ao teatro, dos livros que “devorava” aos cinemas, Clarice tinha seu sensível poder criador instigado pelas suas vivências e sensações. Quando criança, perseverava em ter seus textos publicados no jornal. Sobre isso, Clarice diz:

As outras crianças eram publicadas e eu não. Logo comprehendi por que: elas contavam histórias, uma anedota, acontecimentos. Ao passo que eu relatava sensações... coisas vagas... Mas sou teimosa e não fiz ao longo da minha vida se não perseverar na mesma trilha, suprimir os fatos e privilegiar as sensações. Com o risco de não ser publicada. (GOTLIB, 1995, p 88)

Alguns anos depois da morte de sua mãe, Pedro se muda com as filhas para o Rio de Janeiro, quando Clarice havia cursado o terceiro ano ginásial, aos 13 anos. No colégio Sílvio Leite, na Tijuca, Clarice concluiu sua formação escolar. Seguia sendo uma leitora voraz, indo às bibliotecas à procura de novos títulos, nacionais ou internacionais. Em 1939, começa a cursar Direito. Ao longo de sua formação, Clarice trabalhou como secretária, tradutora de textos científicos e também como redatora na *Agência Nacional* – o início de sua atividade jornalística. Posteriormente, foi transferida da Agência para o jornal *A Noite* no cargo de repórter.

Das demandas do novo emprego estavam incluídas para além de reportagens, traduções e entrevistas, os contos da jovem escritora, que começaram a ser publicados a partir de 1940 no periódico *Pan* (GOTLIB, 1995). O registro oficial de um texto publicado de Clarice foi em 25 de maio de 1940, com o título ‘Triunfo’. Outros contos publicados foram *Obsessão* (1941) e *História interrompida* (1940). Esses primeiros trabalhos foram reunidos e editados no volume *A bela e a fera (ou a ferida grande demais)*, publicado em 1979 pela editora *Nova Fronteira*. (LISPECTOR, 1979).

Sua formatura e casamento ocorreram no mesmo ano, 1943. Foi no próprio percurso universitário que Clarice conheceu Maury Gurgel Valente, *a priori*, um colega de classe que viria a ser seu esposo por muitos anos e pai de seus filhos. Maury vinha há algum tempo traçando planos alinhados à carreira de diplomata. Foi principalmente pela atividade profissional do marido que Clarice e Maury viajaram e

residiram em diversos países ao redor do mundo, de 1944 a 1959.

Do período de 1943 a 1944, Clarice continua trabalhando como jornalista e passa a ser registrada como redatora na empresa *A Noite* (GOTLIB, 2009). Poucos meses depois, exerce o cargo de jornalista profissional e muda seu nome na carteira profissional para Clarice Gurgel Valente. Em seguida, passa seis meses em Belém do Pará, entre felicidades, insatisfações com o trabalho, angústias e saudade de casa, como confessa em cartas endereçadas a Lúcio Cardoso² e sua irmã, Tânia Kaufmann.

De Belém, retornam por um curto período de tempo ao Rio de Janeiro. De lá, seguem para Natal, e após uma longa travessia, o casal desembarca em Nápoles, na Itália. Assim, inicia-se os anos de vida em terras europeias. Por correspondências, confessa à irmã: “Todo esse mês de viagem nada tenho feito, nem lido, nem nada - sou inteiramente Clarice Gurgel Valente”. Ainda por escrito, Clarice transparece seus momentos de impaciência e distanciamento que se desvendam desde cartas implorando por respostas ou para que não seja esquecida, até longos pedidos de que não se preocupassem demasiado com ela.

Em 1944, se dividia diariamente entre alguns trabalhos que ainda fazia para *A Noite*, aos serviços prestados no hospital americano de soldados brasileiros e às exigências da vida social diplomática. Quando se tratava de retratar a vida do casal por meio das cartas, Clarice deixava evidente que não se sentia confortável com o dia a dia como esposa de diplomata. De grandes jantares à eventos patrióticos, Clarice mostrava pouca naturalidade e entusiasmo quando se tratava de seu novo estilo de vida. Em depoimento (GOTLIB, 2009), Clarice confessou que “detestava” a vida diplomática:

Mas eu cumpria com as minhas obrigações para auxiliar o meu ex-marido, pois eu dava jantares e chegava a botar no lugar de lavar mão uma pétala de rosa! Fazia todas essas coisas que se deve fazer, mas com enjoo horrível! (LISPECTOR, 2020, posição 4720).

Em 1946, após ter passado um mês no Rio de Janeiro para visitar seus

² Clarice Lispector e Lúcio Cardoso conheceram-se em 1943, no Rio de Janeiro, e desenvolveram uma amizade intensa e duradoura. Gotlib relata que Clarice o visitava com frequência. Lúcio, homossexual assumido, teria sido alvo de uma afeição profunda ou, segundo alguns relatos, de uma paixão impossível por parte de Clarice. Essa foi uma das relações mais significativas de sua vida literária e pessoal. (GOTLIB, 2009, p. 209–214).

familiares, Clarice e Maury se mudam para Berna, na Suíça. Nos três difíceis anos de estadia em Berna, Clarice atravessa uma fase de grandes questionamentos voltados aos seus trabalhos e à sua própria identidade. Isso porque Berna foi um momento de pouca inspiração, mergulhados em demasiado tédio e marasmo. A autora define Berna como “diariamente domingo”, com “pessoas silenciosas que riem pouco”. (GOTLIB, 2009)

Das grandes torturas de Berna, ter escrito pouco fez com que suas noções de si e de seus feitos fossem abalados, mesmo tendo a certeza de que ainda existia o desejo de escrever. Em maio de 1946, confessa às irmãs: "Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo à espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor". (LISPECTOR, 2020, p. 1620). Sobre isso, continua:

[...] Não tenho escrito porque tudo aqui está tão, tão chato, que até escrever é um esforço. Queira Deus que vocês nunca conheçam esses longos dias vazios, quando tudo tem tão pouco interesse que se tem a impressão de que se está fazendo hora!!! Fazendo hora para o quê? Nem sei mais. (LISPECTOR, 2020, posição 1320)

Diante da apatia cotidiana fica evidente que Clarice atravessava uma época de incertezas fumegantes contrastadas com a certeza da falta de contorno de si e da vida social diplomática que levava. Portanto, era comum que se refugiasse em memórias saudosas do Rio de Janeiro, em cigarros contra indicados pelo seu médico, em idas assíduas ao cinema e em pequenas viagens que, por vezes, fazia, como para Paris.

Em janeiro de 1948, esperançosa com sua viagem marcada ao Rio de Janeiro, mas sem estar ilesa dos anos que passou em Berna, Clarice escreve à irmã:

[...] Quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? assim fiquei eu [...] Para me adaptar ao que era inadaptável, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões — cortei em mim a forma que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim, resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que nos leve de volta, só a ideia de ver você e de retomar um pouco minha vida — que não era maravilhosa mas era uma vida — eu me transforme inteiramente. (LISPECTOR, 2020, posição 5101)

Clarice, ainda em 1948, passaria por outra grande mudança: tornar-se mãe. Em 10 de setembro de 1948, nasce seu primeiro filho, Pedro. Clarice, Maury e Pedro viajaram alguns meses depois, com destino ao Rio de Janeiro, onde permaneceram até 1950. Durante a estadia, a autora trabalhou no periódico *Comício* e na *Manchete*. No final de 1950, a família se muda novamente para terras estrangeiras, desta vez para Torquay, Inglaterra. Moram na Inglaterra por algum tempo e retornam por alguns meses ao Brasil, antes dos oito anos que passarão no próximo itinerário: *Washington*.

Clarice chegou aos Estados Unidos em 3 de setembro de 1952, já grávida de seu segundo filho, Paulo, nascido em 10 de fevereiro de 1953. Na administração das tarefas domésticas e na criação de dois filhos, Clarice contava com a ajuda de *nurses*. Paralelamente, voltava a engajar-se nos seus projetos literários, coincidentemente inaugurando, após alguns anos grande insistência de seu caçula, suas obras infantis, como *O mistério do coelho pensante* (1967). (LISPECTOR, 2020)

Na América do Norte, faz amizades duradouras. Érico Veríssimo, escritor brasileiro e sua esposa, Mafalda, conviveram com Clarice e os filhos, desde sua ida à Washington até o retorno dos Veríssimo ao Brasil, em 1956. Correspondências foram trocadas com frequência até o falecimento de Érico, em 1975. Em especial, o destaque à um momento que ilustra o carinho nessas relações, principalmente, na carta enviada por Clarice, em 7 de outubro de 1956, convidando-os à serem padrinhos de Pedro e Paulo. O afeto perante suas amizades persistiram por meio das correspondências, enviadas, desde os anos na Itália, para Manuel Bandeira, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Francisco de Assis Barbosa, Lúcio Cardoso e Fernando Sabino.

No primeiro semestre de 1959, o casal Gurgel Valente decide se separar, consolidada somente no início da década de 60 e definitiva em 1963. Sendo assim, Clarice retorna ao Brasil com seus dois filhos e se instala no primeiro dos dois apartamentos que irá morar, na Rua General Ribeiro da Costa, 2, no Edifício Visconde de Pelotas. O recomeço da vida com os filhos não foi fácil: Clarice passou por alguns obstáculos financeiros, mesmo com a pensão que Maury enviava. Em entrevista, conta que a vida não estava fácil, com dinheiro restrito e contado para a educação das crianças e a comida de casa. (GOTLIB, 2009)

Conciliava os trabalhos literários com a jornada da maternidade, atravessada por culpa e paciência necessárias para lidar com as complicações comportamentais de seu primeiro filho, Pedro, que, mais tarde, recebeu o diagnóstico de esquizofrenia. Durante a década de 60, reserva espaço em algumas cartas para dar notícias dos cuidados com Pedro³, confessando também que se resguarda vivenciando ora dias que perde a alegria de viver, ora dias em que confia que a esperança é a última que morre. (LISPECTOR, 2020).

Em maio de 1965, se muda para seu novo endereço, no Leme, na Rua Gustavo Sampaio, 88. Foi nesse mesmo apartamento que, poucos anos depois, Clarice sofreu graves queimaduras devido à um incêndio. Nessa época, era sabido que Clarice tomava alguns remédios para regular o sono. Foi então que na madrugada de 14 de setembro de 1967, Clarice adormeceu com um cigarro aceso nas mãos. Desde que esteve entre a vida e a morte (LISPECTOR, 2020), passou por cirurgias plásticas, tanto no rosto quanto nas mãos, principalmente a direita.

Entretanto, as sequelas psicológicas persistiram. Após tal evento traumático, Clarice abriu um quadro de depressão, do qual seu filho caçula, Paulo, relembra: “Mamãe fechou-se muito”. Socialmente, tornou-se mais introspectiva e seletiva. Pessoalmente, teve sua autoestima seriamente afetada e seus alcances literários um tanto inclinados para seus sentimentos de tristeza e melancolia.

Mesmo menos de um ano depois, Clarice esteve presente em uma manifestação política no Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1968. O movimento contou com diversos intelectuais brasileiros, incluindo Milton Nascimento e Oscar Niemeyer. Apesar de ter se mantido reservada sobre suas visões políticas, de acordo com alguns registros da época, em paralelo aos depoimentos de diversos amigos e familiares, Clarice era considerada de esquerda.

Em 1970, conheceu sua grande amiga Olga Borelli. Em poucos dias, foram de meras conhecidas à amigas inseparáveis. Em carta, Clarice pede para que Olga seja

³ Pedro Lispector começou a apresentar sinais de esquizofrenia na juventude. Foi internado diversas vezes em instituições psiquiátricas para tratamento, permanecendo por longos períodos em sanatórios no Rio de Janeiro. Clarice manteve-se próxima e envolvida com o filho durante toda a vida. Pedro faleceu em 2019, após décadas de tratamento psiquiátrico (GOTLIB, 2009, p. 410–412; informações complementares atualizadas).

sua amiga, mas faz ressalvas sobre seus defeitos e sua necessidade urgente de conversar. Do *imprevisto*, surge uma amizade que se prolonga até a morte de Clarice, sete anos depois.

Cinco anos depois, as duas foram juntas ao Congresso de Bruxaria em Barcelona, do qual Clarice foi convidada a dissertar a respeito da misticidade. Entre alguns rascunhos de sua apresentação, Clarice optou pela leitura em espanhol de seu conto *O ovo e a galinha* – que considerava seu texto mais hermético, envolvente e incompreensível na mesma medida que compreensível. (GOTLIB, 2009)

No panorama geral, seus afazeres seguiram em platô, salvo alguns compromissos de trabalho que aumentaram exponencialmente na metade da década de 70. Segundo Olga Borelli, a Clarice adorava viajar e passear, tinha mania de beber coca-cola, e sempre retornava a sua mais clássica pergunta: *e agora?*. De acordo com Gotlib, parece que boa parte dos pequenos eventos do cotidiano só eram organizados pela ordem de precipitação do que está a vir.

O fato é que o trajeto profissional da escritora foi quase que integralmente permeado por uma espécie de mito de Clarice. Oscilava suas reações diante sua fama: ora resistia e relutava, ora se abria aos prazeres da situação e até mesmo alimentava o mito, com seu estilo de vida solitário, sua seletividade de companhia e seu apreço aos elogios, principalmente, os referentes a sua aparência.

Ainda assim, Clarice não escapou do misticismo. Em inúmeras ocasiões, constatou que esse fenômeno a prejudicou a aproximação de pessoas que poderiam ter preenchido o vazio de sua vida (GOTLIB, 2009). Sobre esse assombro em sua vida, Ziraldo se dirige à ela, durante entrevista, em 1974:

Você pode não querer a mitificação, mas eu acho que você tem uma aura de mistério. O que é bom. Clarice Lispector a gente não sabe de onde vem nem aonde vai. Você tem uma aparência, um jeito misterioso, isso tudo ajuda a mi(s)tificação. (GOTLIB, 2009, p. 443)

Em 1976, Clarice fez uma de suas últimas viagens com destino à Recife, acompanhada de sua amiga Olga Borelli. Lá, revisitou lugares e pessoas de sua infância. Em entrevista concedida ao *Suplemento Literário do Jornal do Comércio*,

Clarice diz que Recife está todo vivo dentro dela. (GOTLIB, 2009). No ano seguinte, faz sua última visita à Europa. Cinco meses depois, é internada em hospital da Zona Sul do Rio de Janeiro, onde em apenas 45 dias fica completamente abatida pela doença.

Clarice teve diagnóstico tardio de câncer no útero que já estava alastrado pelo seu corpo. Contudo, nunca lhe foi dito sobre seu diagnóstico. A família optou por dizer que sofria de peritonite – e Clarice não questionou. Quiçá sentisse alguma finalização por chegar, visto que poucos dias antes de sua morte, escreveu à Olga: “*Eu, eu, se não me falha a memória, morrerei*”.

Morreu no antigo Hospital do INPS – hoje, Hospital da Lagoa – na madrugada do dia 8 para 9 de dezembro de 1977, sexta-feira, véspera de seu 57º aniversário. Conforme a tradição judaica, não se pôde realizar nenhum ritual no sábado. Sendo assim, Clarice só foi enterrada domingo no Cemitério Comunal Israelita, no Caju.

Clarice faleceu um dia antes de seu aniversário, ainda com lacunas sobre sua história. Desde segredos guardados à respostas ambíguas, muitos âmbitos da vida de Clarice não foram clarificados ao público. Isso só colaborou para que o senso comum fantasiasse sem limitações e para que o mito de Clarice continuasse vivo.

Sete anos antes de sua morte, publicou uma coluna no Jornal do Brasil intitulada *Esclarecimento. Explicação de uma vez por todas* (1970) como tentativa de diluir o místico projetado em sua imagem de escritora. Nesse texto (LISPECTOR, 2019, p 411-412), cria uma espécie de linha do tempo que retrata sua naturalização, seus anos em Recife, entre outras curiosidades. Lê-se:

[...] Quanto a meus erros enrolados, estilo francês, quando falo, e que me dão um ar de estrangeira, trata-se apenas de um defeito de dicção: simplesmente não consigo falar de outro jeito. Defeito esse que meu amigo dr. Pedro Bloch disse ser facilímo de corrigir e que ele faria isso para mim. Mas sou preguiçosa, sei de antemão que não faria os exercícios em casa. E além do mais meus *r* não me fazem mal algum. Outro mistério, portanto, elucidado. O que não será jamais elucidado é o meu destino. Se minha família tivesse optado pelos Estados Unidos, eu teria sido escritora em inglês, naturalmente, se fosse. Teria casado provavelmente com um americano e teria filhos americanos. E minha vida seria inteiramente outra. Escreveria sobre o quê? O que é que amaria? Seria de que partido? Que género de amigos teria?

Mistério. (LISPECTOR, 2019, p 411-412)

É notável que Clarice era rodeada de dúvidas e não insistia em tentar desvendá-las a todo custo. Clarice se despediu com um leque de questões abstratas e não elucidadas, mas deixou o legado da concretude de suas obras e da ressonância aparentemente atemporal de sua escrita. Um dos maiores poetas brasileiros, Carlos Drummond de Andrade, homenageia Clarice Lispector no poema *Visão de Clarice Lispector* ANDRADE (1985, p. 45) :

Clarice
Veio de um mistério,
Partiu para outro.
Ficamos sem saber a
essência do mistério.
Ou do mistério que não era essencial,
era Clarice viajando nele. [...]

2.2. A ESCRITORA, CLARICE LISPECTOR

Atualmente, Clarice Lispector é reconhecida como uma das escritoras mais influentes da literatura brasileira e universal. Sua obra alcançou amplitude crítica e popular sobretudo nas décadas finais de sua vida, quando publicou alguns de seus livros mais emblemáticos, como *Água viva* (1973), *A hora da estrela* (1977) e *A paixão segundo G.H.* (1964). Esses títulos representam a maturidade de uma autora que, segundo Nádia Battella Gotlib (2009), transformou a linguagem literária em experiência existencial.

Embora admirada por leitores e pela crítica, Clarice demonstrava uma espécie de desconforto diante da consagração. Gotlib (2009) observa que, frequentemente, recusava o rótulo de “literária”, afastando-se da figura do intelectual tradicional e de instituições, como a Academia Brasileira de Letras. Sua postura combinava esquiva e ironia diante do prestígio, em uma relação ambivalente com a fama: entre a vaidade de ser reconhecida e a resistência em ser enquadrada por categorias ou estilos de escrita.

Anterior à fama, Clarice não começou a escrever por cobiça, mas sim por uma maneira de, na infância, sobreviver psiquicamente. Gotlib (2009) descreve que, na

palavra, a menina Clarice encontrou refúgio, além de um meio de expressão vital. Portanto, o processo de escrita era o que a fazia escapar da morte simbólica, que apaziguava o sofrer em tom de busca de sentido da vida. Sua literatura, complexa e sensível, reflete essa dimensão de urgência existencial que transborda o plano artístico, alcançando também suas histórias pessoais e relacionais.

Oriunda de uma família de imigrantes ucranianos de poucos recursos, Clarice cresceu no Recife e formou-se em Direito, movida inicialmente pelo desejo de combater as injustiças sociais. Gotlib (2009) explica, contudo, que a escrita logo se impôs como sua verdadeira vocação. De uma jovem judia à consagrada escritora, a trajetória de Clarice foi marcante a ponto de consolidá-la como uma das vozes mais singulares da literatura do século XX.

Como reflexo desse dom de sobreviver criativamente, seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1943), lançado quando tinha apenas 23 anos, foi um sucesso tremendo. Escrito em Recife e concluído no Rio de Janeiro, o escrito inédito impressionou o público brasileiro. Ademais, sensibilizou os críticos da época que, impressionados com a fluidez da linguagem e com a sensibilidade psicológica do livro, compararam o romance às obras de James Joyce.⁴

Nesse período, Clarice iniciou sua prática de participar de jornais sob pseudônimo. De 1944 a 1946, no jornal *Comício*, a autora usou o pseudônimo de *Tereza Quadros* para tratar, principalmente, da moral e dos modos necessários no cotidiano. Gotlib (2009) interpreta que essa tática de Clarice era uma maneira de preservar sua privacidade e ter a liberdade de escrita desvinculada de seu nome literário. Alguns anos depois, devido ao pouco retorno financeiro de seus romances, também criou *Helen Palmer* para conselhos amorosos e *Ilka Soares* para tratar da moda e do cotidiano feminino em alguns jornais da época.

⁴ A semelhança entre *Perto do coração selvagem* (1943) e a técnica narrativa de James Joyce foi observada pelo crítico Álvaro Lins. Ele foi um dos primeiros a apontar a afinidade entre a prosa introspectiva de Clarice e o *fluxo de consciência* utilizado por Joyce em *Ulysses*. Essa leitura, embora inicialmente cause certa resistência à autora — que afirmava não ter lido Joyce antes da publicação —, consolidou a imagem de Clarice como uma escritora de linguagem moderna e aproximou Clarice à nomes como Joyce, Woolf e Proust. (GOTLIB, 2009, p. 129–132).

Durante o exílio diplomático, escreveu *O Lustre* (1946). O enredo principal da obra se trata da introspecção e solidão, sentimentos esses muito experimentados por Clarice, principalmente, durante a década de 40 a 60. As críticas não foram tão gentis quanto da primeira vez: tendo causado estranhamento, *O lustre* foi tido como excessivamente introspectivo e hermético, alinhando Clarice à uma literatura difícil.

Em Nápoles, escreveu o romance intitulado *A cidade sitiada* (1949). Gotlib (2009) observa que é o primeiro livro em que Clarice tematiza a passagem do tempo e o aprisionamento da mulher na monotonia cotidiana — um embrião de *A paixão segundo G.H.* Atravessou um período de pouca produção de romances, priorizando textos ou contos publicados em jornais. Publicou, em 1960, o livro *Laços de família*, reunindo treze contos⁵ — alguns deles os mais conhecidos da autora, como *Amor* (1960), e muitos deles anteriormente publicados em revista como *Senhor* e *Manchete*.

No ano seguinte, Clarice publicava o livro que considerava um de seus mais intensos (GOTLIB, 2009): *A maçã no escuro* (1961). Concebido durante seus anos no exterior, o romance só foi publicado no Brasil, momento em que Clarice retorna ao Rio de Janeiro com seus dois filhos após a dissolução do casamento com Maury.

De volta ao Brasil, Clarice iniciou sua fase de maiores e mais lembradas produções. Gotlib (2009) aponta 1964 como um marco de virada na carreira da autora. Nesse ano, publicou o romance *A paixão segundo G.H.* (1964) e a reunião de contos e crônicas em obra intitulada *A legião estrangeira* (1964).⁶ No auge de sua maturidade literária, Clarice abordou temas como solidão e o transcender no cotidiano, seja representado por um estado de graça ou ao esmagar-se uma barata.

⁵ "Devaneio e embriaguez duma rapariga", "Amor", "Uma galinha", "A imitação da rosa", "Feliz aniversário", "A menor mulher do mundo", "O jantar", "Preciosidade", "Os laços de família", "Começos de uma fortuna", "Mistério em São Cristóvão", "O crime do professor de matemática" e "O búfalo". (LISPECTOR, 1998)

⁶ Em 1964, Clarice Lispector publicou simultaneamente o romance *A paixão segundo G.H.* e o volume de contos *A legião estrangeira*. Segundo Nádia Battella Gotlib, a grande repercussão de *A paixão segundo G.H.* acabou por ofuscar a outra obra, que recebeu atenção crítica bem menor. A autora observa que a própria Clarice lamentava essa recepção desigual, já que considerava *A legião estrangeira* uma de suas obras mais queridas e representativas de seu estilo. (GOTLIB, 2009, p. 246-248).

Acessível e conhecida pelo público brasileiro, em 1967, Clarice passa a escrever semanalmente no *Jornal do Brasil*. Alterna o espaço da coluna entre assuntos mundanos ou de tom confessional, marcando, assim, um período bastante produtivo e afetuoso da autora. Sua participação no jornal, iniciada por necessidades financeiras, surpreendeu Clarice com o nível de intimidade e entrega necessárias para com os leitores semanais. Durante seu emprego no *Jornal* publicou, em 1969, o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969) e, em 1971, *Felicidade Clandestina* (1971). Em 1973, seu contrato foi encerrado.

Foi em paralelo ao trabalho no *Jornal do Brasil* que Clarice iniciou suas publicações de histórias infantis. A primeira delas foi contada à seu filho, Paulo, e por insistência dele, o livro foi publicado anos depois com o título de *O mistério do coelho pensante* (1967). Seguiu leal ao público infantil com as novas histórias: em 1969, de *A mulher que matou os peixes* (1968); em 1974, *A vida íntima de Laura* (1974); em 1978, *Quase de verdade* (1978), publicado e editado postumamente por Olga Borelli.

No mesmo ano que foi desligada do *Jornal*, *Água viva* (1973) foi lançado como marco de um dos momentos mais experimentais da escrita de Clarice Lispector. Seu monólogo mais abstrato, *Água Viva* (1973) nasceu de fragmentos, anotações e crônicas avulsas, organizados por Olga Borelli.

Em 1974, lançou *Onde estiveste de noite* (1974) e esporadicamente, escreveu textos ao *Manchete*, sob encomenda. Também encomendado, desta vez por Álvaro Pacheco, o livro *A via crucis do corpo* (1974) foi à público em 1975. A obra conta com histórias de cunho erótico e grotesco – fato que desagradou profundamente a autora durante o processo criativo. Mesmo sendo uma obra advinda da necessidade de renda e da relutância da autora perante ao tema, sugerindo até mesmo publicá-la sob pseudônimo, foi um livro que marcou o impulso criativo de Clarice.

Seu último romance foi de grande sucesso, publicado pouco antes de vir à óbito. Apelou para suas pequenas notas avulsas para escrever grandes romances ou montar personagens como Macabéa (GOTLIB, 2009), personagem nordestina

arquitetada por Clarice durante um passeio à Feira de São Cristóvão em companhia de sua amiga. Escrito nos últimos meses de vida, publicado semanas antes de sua morte, Gotlib identifica o gesto final de Clarice: o olhar da alteridade absoluta.

Após sua morte, algumas obras foram publicadas por Olga Borelli: *Para não esquecer* (1978), uma reunião de ensaios e reflexões; *A bela e a fera (ou A ferida grande demais)* (1979), conjunto de contos inéditos e dispersos e *Um sopro de vida (pulsações)* (1978), com textos escritos entre internações e transferências de hospitais.

Afinal, quem foi Clarice? Em entrevista, Dalma Nascimento a questionou: “O que é ser Clarice?”, ao qual a autora respondeu: “Viver cada instante na fruição do momento. É como se estivesse em estado de graça, na clara/escura plenitude de meu silêncio.”. Respostas simples não eram opções quando o assunto era humanidade.

Original, sensível, estrangeira, profunda, única - esses são alguns dos adjetivos que acompanharam Clarice em sua arte, sua vida e em seus legados. Para além de premiações ou fama, Clarice se lançou, desde os escritos mais incompreensíveis aos assuntos em folhas de jornal, em prol da sensibilidade humana. Como disse Guimarães Rosa (GOTLIB, 2024), lê-se Clarice não para a literatura, mas para a vida.

Hélio Pellegrino, em homenagem a Clarice, descreveu-a como:

[...] um ser assinalado, convocado a revelar o mistério que arde no coração das pessoas - e das coisas. [...] E dedicou-se a dizê-lo através da linguagem. Nessa medida, o campo gravitacional criado por Clarice transcende a dimensão literária, para tornar-se, também, testemunho filosófico místico - e visionário. (GOTLIB, 2024, p 196)

A observação de Pellegrino acerca do transcender literário capta não só o âmbito individual, mas também a esfera unanimamente experienciada no coletivo, no para-além-de-si, na qual Clarice pousava seus escritos. Desde suas obras mais lúdicas às mais abstratas, o elemento-chave que dá forma à escrita clariceana é uma preciosa interseção: os fenômenos não só somente cósmicos, ou somente individuais, mas existem no entre.

Lúcio Cardoso definiu o trabalho de sua amiga como um longo, exaustivo e minucioso arrolamento de sensações. Etimologicamente, *sensação* vem do latim *sensatio*; *sentire* (sentir) e *sensus* (sentido, percepção). É interessante pensar que a sensação não tem um fim em si mesma. Isso porque, para além do próprio sentir, é crucial o tom dos sentidos e das percepções, regados de símbolos sociais, coletivos, compartilhados, ou seja, regados do que é externo a nós, mas que, mesmo assim, é compartilhado na vivência humana.

Clarice abordou uma das experiências vividas nessa interseção como estado de graça. Estado de Graça é tratado por Clarice Lispector como uma graça especial limitada, dada de tempos em tempos. É nesse estado que a pessoa comum percebe e recebe, subitamente, a dádiva indubitável de existir materialmente. Em outras palavras, porque se é comum, humano e reconhecível, torna-se totalmente real. É um estado de lucidez e bem-aventurança física que convoca a felicidade e leveza de experienciá-lo sem questioná-lo em demasia.

Atravessado por silêncio e quietude, abre-se espaço para uma espécie de anunciação, não religiosa, mas como se a vida anunciasse o mundo. Após os minutos de graça, uma sensação de saudosismo e suavidade logo é sentida quando, justamente, o ser humano se depara novamente com sua condição. Isso porque, segundo Clarice, no retorno à vida mundana, revela-se a pobreza implorante do ser humano.

Em paralelo com ideias freudianas, Clarice chamou de ‘destino simplesmente humano’ a vida que é feita de luta, sofrimento, perplexidade e alegrias menores. De maneira similar, tal vivência é abordada em *O Mal estar da Cultura*:

Apesar da expansão das satisfações pelas fantasias como fonte de prazer e consolo para a existência, não se consegue produzir mais que um passageiro alheamento às durezas da vida, não sendo forte o bastante para fazer esquecer a miséria real. (Freud, 1930, p 37)

Apesar de tais limites da existência humana terem sido acentuados, nesse estado experimenta-se algo que parece redimir a condição humana. A autora aponta que, após a graça, passa-se a ter uma espécie de confiança no sofrimento e em seus caminhos tantas vezes intoleráveis. É como se a frustração envolta no existir fosse também um re-ensaio para se instigar uma existência potencial que, por fim, compõe a vida humana não simplesmente interna ou externa, mas vivida na interseção desses dois fenômenos.

3. A FALHA, A CONFIANÇA E A NOÇÃO EU NÃO-EU

Donald Woods Winnicott, um pediatra e psicanalista inglês do século XX, foi um dos grandes responsáveis por repaginar os feitos psicanalíticos disseminados, em grande parte, por Sigmund Freud. A partir de sua prática clínica médica e psicanalítica, direcionou seus estudos ao brincar, às relações objetais e à diáde mãe-bebê – temas também abordados por Michael Balint, Ella Sharpe e Sylvia Payne. Em 1956, esclarece o novo ponto de partida ao se fazer e pensar a psicanálise:

[...] já estamos bem longe daquela desajeitada fase da teoria psicanalítica em que falávamos da vida do bebê como se esta tivesse início com suas experiências instintivas orais. Hoje estamos engajados no estudo do desenvolvimento inicial e do self primitivo que, quando o desenvolvimento alcança um grau suficientemente elevado, é fortalecido pelas experiências do id em vez de prejudicado por elas. (WINNICOTT, 2021, p 484)

No debruçar ao desenvolvimento inicial, Winnicott (2021) defende que o bebê, vulnerável, dependente e não integrado, está invariavelmente associado à um ambiente suficientemente bom que se adapta à sua chegada. Isto é, um meio que o possibilita alcançar satisfações, ansiedade e conflitos inatos e pertinentes a cada etapa da primeira infância (WINNICOTT, 2021/1956). É esse meio que trilhará o desenvolvimento primitivo satisfatório da criança e permitirá sua vida saudável como futuro adulto.

Uma figura é imprescindível nessa desenvoltura: a mãe suficientemente boa. Inicialmente, espera-se que ela se encontre em um estado psicológico de sensibilidade acentuada, o estado da *preocupação materna primária*. Durante o fim da gravidez até as primeiras semanas após o nascimento do bebê, orientada por esse estado especial, é inaugurado um contexto para que a constituição da criança se manifeste. Isto é, contexto de *provisão* do ambiente, basal para o *continuar a ser*, para a constituição de um ego pessoal e para o defronte com as dificuldades inerentes à vida (WINNICOTT, 2021/1956).

O manuseio adequado e oferecido com certa prontidão e repetição envolve a criança de tal maneira que sua *sobrevivência* não é motivo de desespero. Desse modo, o bebê pode experienciar a *não integração*, um estado de relaxamento ou repouso, possível apenas quando o *continuar a ser* não é interrompido pelo *medo de aniquilamento*. Atravessado esse estado primário, o bebê amadurece a ponto de alcançar a *integração* e a *constituição verdadeira de si* mesmo. Futuramente, é a experiência arcaica da não integração que permitirá os momentos de relaxamento e criatividade dos adultos. Winnicott esclarece:

Quando se está sozinho [...] o bebê é capaz de fazer o equivalente ao que no adulto chamamos de relaxar. O bebê tem a capacidade de se tornar não integrado, de devanear, de estar num estado em que não há orientação, de ser capaz de existir como alguém que não é nem um mero reator às intrusões externas nem uma pessoa ativa com uma direção de interesse ou movimento. [...] Com o passar do tempo surge uma sensação ou um impulso. Nesse cenário, a sensação ou o impulso será sentido como real e será verdadeiramente uma experiência pessoal. (WINNICOTT, 2022/1958, p 40)

Em acréscimo, Jan Abram (2000) aprofunda:

Tanto o bebê quanto o adulto capazes de relaxar e de não-integrar-se conhecem existencialmente a experiência de confiar e de sentir-se a salvo. Esta é uma experiência que conduz à capacidade de gozar das atividades culturais. A não-integração está associada ao ser e à criatividade. A capacidade de não-integrar-se, assim, também constitui-se em

uma aquisição do desenvolvimento. (ABRAM, J, 2000, p 123)

Durante as primeiras semanas de vida, cuidados como a *provisão* possuem papel fundamental para a constituição do *self* e para outras sofisticações do amadurecer saudável. O psicanalista inglês aprofunda:

O amor da mãe e sua estreita identificação com o bebê alertam-na para a necessidade deste, o que a leva a providenciar alguma coisa mais ou menos no lugar certo e no momento certo. Essa situação, repetida muitas vezes, dá início à capacidade do bebê para usar a ilusão, sem a qual nenhum contato seria possível entre a psique e o ambiente. (WINNICOTT, 2021/1952)

Essa situação pode ser muito bem ilustrada no momento da *amamentação*. Dois fenômenos estão em cena: o bebê, energizado por suas vontades instintivas e ideias predatórias; e a mãe, dona do seio e da ideia de que gostaria de ser atacada por uma criança faminta. Esses dois fenômenos não se relacionam mutuamente até que mãe e criança vivam *juntas* uma *experiência*. (WINNICOTT, 2021/1945)

Madura, apta, tolerante, precisa e compreensiva, a mãe sustenta e apresenta o seio real justamente onde o bebê está pronto para criá-lo. Essa experiência de *ilusão* servirá como nada mais do que *material mnemônico* para o primeiro vínculo ou contato do bebê com a realidade externa ou compartilhada. A *área intermediária* dessa cena se dá na medida em que o bebê aceita parte dessa experiência como fruto de sua *alucinação*, sendo criador mágico do objeto, e outra parte como algo externo a si que coincidiu com sua própria capacidade criativa. (WINNICOTT, 2019/1951)

Por sua vez, é natural e esperado que a mãe suficientemente boa gradativamente *falhe*, e inicie o processo de *desilusão* do bebê. Em paralelo, está o bebê, com a crescente necessidade e capacidade de encarar tal falta de adaptação – e tolerá-la, do início ao fim, como *frustração*. Winnicott (2019/1951) diz que a fase em que o bebê lida com o fracasso materno é o pontapé para que os objetos se tornem reais, sendo o cenário onde *onipotência* é abalada, além de destacar a tensão causada pela relação entre realidade externa e interna – inerente e perpétua enquanto humanos.

Segundo Winnicott (2021/1954), mesmo nessa tensão, não se pode afirmar, ainda, que as funções e sua elaboração imaginativa são distinguidas com clareza entre *fato* e *fantasia*. É a mãe suficientemente boa, provedora de certa estabilidade e da simplicidade confiável do ambiente, que além de desempenhar essas funções, deve persistir temporalmente com elas para que alguma discriminação passe a ser possível ao bebê. Sobre isso:

A mãe está sustentando a situação e o dia prossegue em sua marcha, e o bebê toma consciência de que a mãe “tranquila” esteve envolvida com a grande onda da experiência instintiva, e sobreviveu. Isso se repete dia após dia, até que, no fim das contas, o bebê começa a reconhecer a diferença entre os chamados fatos e fantasias, ou entre a realidade externa e a interna. (WINNICOTT, 2021/1954-1955, p 431/432)

A repetição da confiança e segurança do bebê para com a figura materna, persistentes temporalmente, possibilitam-lhe uma espécie de *membrana limitadora*, com diferenciação entre interior e exterior. Assim, o estado de *não integração* é atravessado, dando início ao senso de *integração*, de um *estágio de unidade*. Ou seja: dentro, o mundo interior; fora, o externo a si. A dicotomia que se apresenta, portanto, é de, agora, ser capaz de sustentar objetos subjetivos ao passo que também consegue reconhecer e se inserir na realidade comum aos humanos.

Aparentemente, após algum tempo o indivíduo será capaz de constituir memórias de experiências sentidas como boas, de modo que a experiência da mãe sustentando a situação torna-se parte do eu, é assimilada para dentro do ego. Dessa forma, a mãe real passa a ser cada vez menos necessária. O indivíduo adquire um ambiente interno. A criança poderá encontrar novas experiências de sustentação da situação, e com o tempo poderá também assumir a função de ser aquela que sustenta a situação para uma outra pessoa, sem ressentimento. (WINNICOTT, , 2021/1954-1955, p 437/438)

Para além da dicotomia dentro/fora, Winnicott (2019) foi sensivelmente sagaz ao pontuar a necessidade de definir a terceira parte da vida de um ser humano: a *área ou zona intermediária da experimentação*, constituída pela realidade interior e pela vida exterior. Em outras palavras, a *terceira* zona seria a intermediária entre o

subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido, como um local de repouso para o indivíduo engajado na tarefa de manter as realidades interna e externa separadas, mas inter-relacionadas.

Fundamentalmente, é essa zona neutra da experiência a grande aliada aos fenômenos e objeto transicional. De acordo com Winnicott (2019/1951), o *objeto transicional* é a primeira posse “não eu” que serve de representação da transição gradual de um estado de fusão do bebê com a mãe para um estado de relação com a mãe como um ser externo e separado. Ao mesmo tempo, é tido como objeto externo (representação do seio materno) e como interno (seio magicamente introjetado), mas é diferente de ambos.

Na observação de um bebê qualquer, é notável que esse objeto, símbolo da união entre o bebê e a mãe (ou parte da mãe) ganha uma importância vital para a criança. Aqui, não se trata de uma *alucinação*. O que se inaugura é um relacionamento entre o bebê e algo que existe materialmente, que demonstra vitalidade ou realidade própria – e a consequência do choque gradual ocasionado pela perda da onipotência. (WINNICOTT, 2019/1971)

A internalização/introjeção de partes dessa e de outras experiências primitivas de vida que determinam o uso do espaço potencial é possível apenas quando há *segurança* por parte do bebê relativa à mãe e ao ambiente. Em circunstâncias favoráveis, o espaço transicional se torna repleto de produtos da imaginação criativa do bebê, que passa a usar objetos concretos para mostrar-se criativo neles e com eles. Então, é no estado potencial entre mãe e bebê que o brincar criativo se revela. Lê-se:

Aqui, onde há confiança e constância, existe um espaço potencial que se transforma em uma infinita área de separação que o bebê, a criança, o adolescente ou o adulto podem preencher criativamente com o brincar, transformado ao longo do tempo na fruição do patrimônio cultural. (WINNICOTT, 2019/1975, p 174)

Nessa trajetória, a criança pode, futuramente, desfrutar e fazer uso da separação e da independência de maneira saudável. Ou seja, a tensão da separação mãe-bebê – eu e “não eu” – vivida a partir da confiança, é também, em certa medida, saudavelmente distensionada ao se preencher o espaço potencial com o brincar criativo. O brincar criativo é o meio do fazer e do viver saudável, pois é nele que a criança ou o adulto tem liberdade para a criatividade. Sendo assim, é uma experiência sempre criativa, uma forma básica de viver, desde o brincar infantil às esferas sociais, como arte e religião. (WINNICOTT, 2019/1975)

Winnicott (2019/1975) observa que, análogo à concentração de crianças e adultos, o estado de quase desconexão durante o brincar permite que uma concentração particular, dificilmente abandonada e pouco permeável à intrusões. Demandada atenção e presença um tanto espontâneas, sem o exagero de quem tenta se concentrar demais, pode-se experienciar os alicerces temporais e espaciais da experiência, conectando passado, presente e futuro. Ou seja, é a criança que confia que consegue não se concentrar e racionalizar tanto os comportamentos, objetividades e os símbolos, tornando o brincar a ocupação de um lugar, espaço e tempo.

O lugar especializado da brincadeira, em sentido abstrato, é o que se desdobra no lugar da experiência cultural. É a terceira área: um engendramento de uma realidade aberta e instável que originalmente se dava pelo espaço potencial entre o indivíduo e o objeto, passando a ser o espaço entre o sujeito e o ambiente. Então, um pressuposto teórico importante entra em destaque: as experiências culturais estão em continuidade direta com a brincar – e nada mais são do que extensão da ideia de fenômenos transicionais e da brincadeira infantil. (WINNICOTT, 2019/1971)

Dessa forma, os objetos e fenômenos transicionais ficam espalhados por todo o campo cultural. Isso se dá por uma simples e direta evolução desses fenômenos para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e, em seguida, para as experiências culturais. Ao modo como o indivíduo aborda esse contato com a realidade externa, é

possível assinalar a *criatividade* como forma de viver e experienciar o mundo. Winnicott afirma:

No indivíduo saudável o que existe é um ser espontâneo e criativo. Há ao mesmo tempo a capacidade para o uso de símbolos. Dito de outro modo, a saúde aqui está intimamente ligada à capacidade do indivíduo de viver em uma área intermediária entre o sonho e a realidade, aquela que é chamada de vida cultural (WINNICOTT, 2022/1960, p 210)

Usufruir das atividades culturais na adultez, segundo Abram (2000), só é viável caso, primitivamente, tenha-se experienciado a não integração. Isso porque, inalteravelmente, a não integração está associada ao ser e à criatividade. Pode-se dizer, portanto, que o viver criativo só emerge naquilo que se encontra na zona neutra da experiência – inquestionável e de relaxamento – na qual, anteriormente, foi vivenciado o estado – de repouso – da não integração da personalidade. Dessa maneira, evidencia-se que:

O espaço potencial implica a possibilidade de experimentação da não integração, isto é, de limiares não completamente traçados entre o eu e o mundo – a atualização de potencialidades, nesse contexto, está articulada à experimentação de um terceiro espaço nem subjetivo, nem objetivo. (DAL MOLIN *et al.*, 2020, p. 334)

Em paralelo, ser criativo pressupõe um sentimento de existência como base a partir da qual se pode operar. Portanto, a criatividade é o que brota do ser. (ABRAM, 2000). Em outras palavras, a espontaneidade do criar nada mais é do que a retenção por toda vida de algo que primitivamente foi viabilizado pela mãe suficientemente boa: a capacidade do bebê de criar o mundo – antes, magicamente; agora, criativamente.

4. A ZONA INTERMEDIÁRIA EM QUE VIVEMOS

Clarice Lispector cunhou o termo estado de graça não como uma exaltação mística ou um momento de transcendência literária, mas sim como uma experiência de contato com a própria possibilidade de existir (GOTLIB, 1955, p 429). Tanto nas obras ficcionais quanto em entrevistas e crônicas, o estado de graça aparece como um instante de inteireza, uma suspensão do pensamento racional em favor de um sentir que integra. Não se trata de algo a ser alcançado, mas de algo que se manifesta quando o eu cessa de suas defesas e, por um breve tempo, permite-se coincidir com algum aspecto da realidade.

Winnicott descreve algo semelhante quando aborda o espaço potencial. Ou seja, quando trata da zona intermediária em que o sujeito amadurecido pode brincar, criar e viver de modo autêntico. São nas possibilidades desse “entre” que a experiência se torna verdadeiramente viva, porque o indivíduo não está nem fundido ao mundo, nem isolado dele. O espaço potencial é o terreno onde o ser humano encontra liberdade de movimento entre o interno e o externo, o imaginado e o compartilhado.

Ao aproximar o estado de graça de Clarice dessa formulação winniciottiana, comprehende-se que ele pode ser permeado de algo vindo do *fazer criativo*. Sendo assim, pode-se entendê-lo como uma experiência possível a quem alcançou um grau de amadurecimento que permite a continuidade de ser. Em outras palavras, aquele que, a seu modo, sustenta a tensão inesgotável entre realidade interna e externa sem defesas irreparáveis.

Presumimos que a aceitação da realidade é uma tarefa que nunca é completada, pois nenhum ser humano está livre da tensão causada pela relação entre as realidades interna e externa, e que essa tensão é aliviada por uma área intermediária de experiência (cf. Riviere, 1936) que não é contestada (artes, religião etc.). Essa área intermediária é uma continuação direta da área do brincar da criança pequena que se “perde” na brincadeira. (WINNICOTT, 2019, p 28)

Então, nesse sentido, comprehende-se o estado de graça não como ruptura, mas como ferramenta de continuidade: o instante em que a experiência criativa se vive como plenitude.

Clarice, ao nomear esse estado, parece reconhecer que ele não pertence à religião nem à arte isoladamente, mas à própria estrutura humana da criação. Assim como Winnicott (2019) afirma que é no brincar, e talvez apenas no brincar, que o indivíduo é livre, o estado de graça clariceano é o ponto em que ser livre se dá no *viver* a experiência com presença. Esse *fazer* – nos primórdios, o *brincar* – é possível apenas na zona intermediária, onde existe o contato e a brincadeira como mediadores entre realidade compartilhada e interna, na qual o sujeito encontra o ritmo de seu próprio existir.

[...] é preciso separar a noção de criação da de obra de arte. É verdade que uma criação pode ser uma pintura, uma casa, um jardim, uma roupa ou um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, até uma refeição preparada em casa. Talvez fosse melhor dizer que essas coisas são criações. A criatividade sobre a qual me debruço é universal e faz parte de estar vivo. (WINNICOTT, 2019, p 85)

Apesar do senso de estar vivo e da criação depender do amadurecimento, também é interessante destacar aspectos de regressão como apoio de algo que se cria. Exemplificado pelo estado de graça, pode-se entender que o sujeito em graça experimenta algo mais ou menos similar à *onipotência* do bebê, assim como vivencia algo parecido com a *desilusão* no momento em que a graça se encerra.

É essa vivência e essa possibilidade de reensaio da *onipotência* e da *desilusão* que demarcam o leque de experiências possíveis a partir das vivências iniciais de cada indivíduo. Isto é, o estado de graça pode servir como exemplo de forma criativa de regressão psíquica, baseada na trajetória do sujeito como alicerce aos modos de se existir no mundo. Isso porque as experiências de um sujeito na zona intermediária só

são traçadas a partir da quantidade e qualidade dos primeiros cuidados recebidos. Sobre isso Winnicott afirma:

A variabilidade nos seres humanos está diretamente relacionada à quantidade e à qualidade dos ambientes oferecidos logo no início ou nas primeiras fases da experiência de vida de cada bebê. (WINNICOTT, 2019, p 89)

Portanto, essas sofisticações emocionais da experiência não são exclusivas aos artistas, aos escritores ou aos escolhidos. Na verdade, o luxo da criatividade existe para quem, no início da vida, contou com a mãe e o ambiente suficientemente bons. Em vista disso, essa criação faz parte tanto de uma realidade individual que rastreia a pluralidade e a originalidade do viver criativo, quanto da realidade compartilhada que dá palco e testemunha as diversas formas de se viver no mundo.

Assim, o estado de graça pode ser tido como expressão clariceana que remete à uma experiência psíquica amadurecida, que nasce do mesmo lugar de onde Winnicott faz emergir o viver criativo. O instante em que o eu, o mundo e a experiência se sobrepõem de maneira criativa e não ameaçadora. Equivalente à não integração saudável descrita por Winnicott, a graça seria como uma suspensão da racionalidade em que o sujeito pode repousar em si e, ao mesmo tempo, abrir-se ao outro.

Desse modo, pode-se observar que tanto o psicanalista quanto a escritora apontam para uma condição em que o humano encontra repouso no próprio gesto de *ser*. O espaço potencial e o estado de graça, ainda que pertençam a campos distintos, compartilham o mesmo território simbólico: o da experiência viva, sustentada, em que se torna possível habitar o *entre* — o lugar em que a vida, por um instante, se basta.

O fio condutor de ambas as experiências é de que algo há de servir ao ser humano como *sentir que vale a pena viver* (WINNICOTT, 2019). Diante do *fazer* e *criar*, dentre tantas facetas de frustração, por fim, advém um motivo para *continuar a ser*. Sem submissão a realidade externa ou servidão ao aparato psíquico, o ser humano segue a vida pois com ela encontra um modo de viver que pulsa e convoca-o constantemente a criar diversas formas de se estar no mundo.

5. CONCLUSÃO

O percurso desta pesquisa buscou compreender o modo como o *estado de graça*, ideia recorrente na obra e nas falas de Clarice Lispector, pode ser interpretado à luz da teoria psicanalítica de Donald Winnicott, especialmente em sua formulação sobre o *espaço potencial* e o *viver criativo*. A partir do diálogo entre literatura e psicanálise, foi possível aproximar dois campos que, embora distintos em linguagem e método, compartilham a mesma preocupação com o humano em sua forma mais viva e autêntica de existir.

A originalidade de Clarice Lispector, em sua vida e em sua obra, ilustram que a literatura ultrapassa o limite da narrativa e perpassa a vivência. Por sua vez, o *estado de graça*, nesse contexto, representa o território no qual o cotidiano se converte em revelação: o espaço em que o banal se abre à sutileza da presença e da surpresa. De modo análogo, o *espaço potencial* descrito por Winnicott configura-se como o lugar em que a subjetividade encontra liberdade para brincar e criar, preservando algo sobre a autenticidade de existir.

No desenvolvimento deste trabalho, observou-se que o estado de graça clariceano não se apresenta como fenômeno místico ou religioso, mas como uma experiência psíquica possível, uma vivência de *integração* possível durante o instante. Essa experiência pode ser tida como próxima à qual Winnicott denominou *zona intermediária*, ou seja, o espaço onde o sujeito amadurecido pode sustentar o encontro entre realidade interna e externa, sem se perder em nenhuma delas.

Assim, o *estado de graça* se manifesta como forma de viver criativamente, viável apenas quando o indivíduo alcança certo grau de amadurecimento emocional. O que Clarice descreve como a dádiva de existir, Winnicott traduz como a *continuidade de ser*. A intersecção valiosa é de que ambos apontam para a experiência de se habitar a própria vida não por mediações excessivas, mas sim pela manutenção da espontaneidade e abertura.

Ao longo dos capítulos, tornou-se evidente que tanto Clarice quanto Winnicott colocam a criação como eixo central da existência humana. Criar, para ambos, não é apenas produzir, mas *viver*. Assim, o *estado de graça* pode ser compreendido como o instante em que o sujeito reencontra a confiança primordial — aquela que um dia o fez brincar e existir no mundo com liberdade. A literatura clariceana, ao narrar essa experiência, revela uma dimensão profunda e sensivelmente humana, imersa também em uma experiência psíquica: o momento em que a vida, mesmo ordinária, se torna habitável.

Com isso, a proposta desta monografia foi reafirmar que a escrita e o pensamento clariceanos não se afastam da vida, mas a intensificam. Clarice Lispector, em alguma medida, congruente à Winnicott, aposta na possibilidade de uma vida criadora, capaz de suportar a frustração, a falta e o não saber. Sendo assim, o estado de graça ou o sentimento da graça antes de ser um ponto de chegada, é um modo de atravessar o viver, envolto em uma confiança silenciosa de que o ser ainda pode acontecer.

Como contribuição teórica, o trabalho oferece uma leitura que aproxima arte e psicanálise, demonstrando como a literatura pode traduzir, em linguagem sensível, fenômenos da experiência psíquica. No plano prático, amplia o olhar da psicologia e sobre os fenômenos existenciais, de maneira suficientemente sensível às possibilidades do viver criativo, destacando o papel do ambiente e da confiança como condições para o florescimento do ser.

Por fim, entende-se que esse diálogo entre psicanálise e literatura se faz imprescindível. Isso porque na medida em que não se esgota nas análises ou críticas literárias das obras de Clarice Lispector, essa interface se esparrama pelo reconhecimento e pela compreensão teórica da experiência humana. Como continuidade deste trabalho, sugere-se investigar o modo como outros autores da literatura brasileira abordam as sutilezas e nuances das experiências humanas,

complexas como vivência e emocionalidade, ampliando, assim, o campo do viver criativo no encontro entre arte e psicanálise.

Compreender o estado de graça como uma forma de viver criativamente é reconhecer, em Clarice Lispector e Donald Winnicott, a convergência entre literatura e psicanálise enquanto modos de sustentar a existência. Ambos mostram que a criação não é privilégio da arte, mas condição do viver humano. Assim, este estudo reafirma a importância de preservar, no campo psicanalítico e literário, os espaços de liberdade e imaginação que permitem ao sujeito continuar a ser.

6. REFERÊNCIAS

- ABRAM, Jan. A linguagem de Winnicott. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Amar se aprende amando. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- DAL MOLIN, E. C.; KLEIN, T.; DAL MOLIN, I. S. B.; COELHO JUNIOR, N. E. “Enlouquecer com”: o caso Ferenczi e algumas questões para a psicanálise contemporânea. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331–347, 2020.
- DA SILVA SANTOS, Ray; DE CARVALHO, Camila Ferreira. A presença do inconsciente em Um Sopro de Vida, de Clarice Lispector. *Crátilo*, v. 10, n. 1, p. 23-31, 2017.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23, n. 1, p. 116, 2015.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOTLIB, Nádia Battella. Clarice: uma vida que se conta. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2009.
- _____. (org.). Clarice na memória de outros. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. Acervo Clarice Lispector. Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/acervo/>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- KAMINSKI, Ana Luisa. Ressonâncias entre psicanálise e arte: intervalos, desmontagens e rearticulações. 2011.
- LISPECTOR, Clarice. A bela e a fera (ou a ferida grande demais). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- _____. A descoberta do mundo: crônicas. Rocco, 1999.
- _____. A descoberta do mundo. 11. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.
- _____. Água viva. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

- _____. A legião estrangeira. Rocco, 2020.
- _____. A maçã no escuro. 1 ed. Rocco, 1998.
- _____. e. A mulher que matou os peixes. Rocco, 1999.
- _____. A paixão segundo G.H.. 24. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- _____. A via crucis do corpo. Rocco, 2020.
- _____. A vida íntima de Laura. Rocco, 1999.
- _____. Clarice na memória de outros. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- _____. Laços de família: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- _____. O mistério do coelho pensante. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- _____. Onde estiveste a noite. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- _____. Para não esquecer. Rocco, 1999.
- _____. Quase de verdade. Rocco, 1999.
- _____. Todas as cartas [e-book]. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. Edição Kindle.
- _____. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- _____. Um sopro de vida. 14. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.
- MOSER, Benjamin. Clarice. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- RABATÉ, J-M.. Psicanálise e literatura: Por que, hoje?. Trivium: Estudos interdisciplinares, p. 162-171,2017.
- PHILLIPS, A. Winnicott. São Paulo: Idéias & Letras, 2006
- SANCHES, Elisabete Ferraz. Clarice Lispector e a psicanálise: diálogos possíveis.. Tese de Doutorado. USP, 2019.
- SOUZA, Ieslei Miguel; DE LIMA, Priscilla Melo Ribeiro. Clarice Lispector e Rodrigo SM: uma narrativa que borda o sujeito do desamparo. Revista Subjetividades, v. 23, n. 2, p. 1-14, 2023.

- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- _____. *A natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.